

O CORPO COMO MEIO DE EXPRESSÃO

Elisabete Gabriela Castellano Campos*

O corpo é a expressão da pessoa humana. É pelo corpo que o homem se torna presente no mundo, através da sua possibilidade de se orientar para os outros mediante a comunicação, do reconhecimento do outro, e de intervenção no mundo, em seu próprio benefício.¹

O homem consegue exteriorizar toda a sua intenção e a sua potencialidade através da sua corporeidade enquanto meio de expressão. A comunicação é a condição universal do ser humano², e esta comunicação é conseguida através da manifestação do homem enquanto ser corpóreo. Só o corpo consegue comunicar-se.

"Nietzsche disse: "Nós pensamos com o nosso corpo". Ele não quer dizer com isso que o pensamento é um processo fisiológico, mas que o corpo deve ser incluído em qualquer relacionamento completo com o nosso eu. Um dos aspectos da perda de relacionamento ou afinidade do homem moderno com o seu eu é que o seu corpo se encontra colhido na divisão sujeito-objeto: ele é propenso a olhar o seu corpo puramente como objeto, algo externo, a ser estudado quimicamente, a ser calculado e controlado. O corpo é visto como o resto da natureza, no sentido newtoniano, algo que se deve dominar. Suposições desta espécie, por exemplo, estão presentes nos métodos de Kinsey: as pessoas podem ser consideradas "objetos" sexuais e o sexo pode ser estudado estatisticamente, separado da sua significação interpessoal e subjetiva. As pessoas que recorrem à psicoterapia com essas atitudes revelam, geralmente, um considerável isolamento do corpo. Nietzsche foi mais sábio do que muitos dos nossos modernos pressupostos científicos. O corpo é um aspecto do eu; é uma forma da nossa intercomunicação com o mundo e, como tal, é parte integrante do auto-relacionamento".³

A significação humana do corpo abrange dimensões bem explícitas: primordialmente é o lugar onde o homem deve realizar a sua própria existência. A dimensão corpórea é a oportunidade de vida da pessoa humana. Na morte, cessam os anseios, as possibilidades e as realizações e a vida se esvai na destruição da estrutura corpórea.

O corpo é o veículo que o homem utiliza para atingir a sua totalidade plena. Sem o sopro oferecido pela expressão, o homem torna-se vazio, abolido do seu sujeito singular, perde a sua postura natural, desarticula-se. Os seus gestos, a sua voz, a sua postura, toda a sua estrutura

(*) Mestre em Filosofia da Educação pela PUCCAMP. Autora da dissertação: "A fome como fator discriminatório na educação": uma abordagem filosófico-educacional do qual este artigo é uma parte.

corpórea não são dele próprio, porque não conseguem denotar a sua própria vontade e a manifestação de sua circunstância humana.

O corpo consegue exprimir-se em qualquer língua e se faz entender mesmo na do silêncio⁴. "Todas as línguas desenvolvem e especificam a linguagem fundamental que é o próprio corpo. As diversas partes do corpo participam da linguagem. São constituídas, assim, diversas linguagens características, que podem ser mais ou menos desenvolvidas na vida do homem".⁵

"Nada, nem mesmo o menor movimento, ou a menor mudança de expressão é insignificante ou acidental".⁶ Através da expressão corporal podem ser inclusive obtidos dados muito mais fidedignos acerca da pessoa, do que através das informações que ela mesma possa apresentar. Brilho do olhar pode estar simbolizando aceitação com entusiasmo de atenções; retesamento dos músculos pode simbolizar nervosismo, receio, contrariedade etc.

É ponto pacífico que as mesmas expressões corporais poderão assumir significados diferentes, conforme a pessoa. É preciso entender cada pessoa dentro da sua própria circunstância. Uma pessoa que está sempre sorrindo pode estar na realidade demonstrando otimismo falso, ou aquela que está invariavelmente bem equilibrada pode estar externando uma situação que realmente não existe.

"Não é somente o gesto que está contingente com respeito à organização corporal, é a própria maneira de acolher a situação e de vivê-la. O japonês encolerizado sorri, o ocidental enrubesce e bate o pé ou empalidece e fala com uma voz sibilante. Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que as mesmas emoções ocorram nos dois com os mesmos símbolos. O que importa é a maneira pela qual eles usam seu corpo, e a expressão simultânea de seu corpo e de seu mundo na emoção".⁷

Para se poder avaliar o conteúdo do significado de uma expressão corporal, não basta que se avalie a maneira de estar-no-mundo do indivíduo em questão, mas também a sua maneira de vivenciar a circunstância.

A expressão corporal é tão cheia de significações vivas, reais, que mesmo na dança, em que toda expressão é resumida em movimentos, o homem consegue comunicar-se, transmitindo todo o seu sentimento, extravasando toda a sua intenção.

O corpo é a forma de que o homem dispõe para se manifestar no mundo. O homem é um ser de significação, é provido de intencionalidade e o seu corpo é animado por uma consciência que o integra e determina. O homem anseia por ser uma pessoa total.

Na impossibilidade de exprimir-se corporalmente, o homem já não consegue mais dar a sua conotação ao corpo que lhe pertence, porque o corpo, aquilo que se vê, que se sente, que se manifesta, já não exprime a linguagem do eu interno da pessoa. Neste ponto a sua subjetividade, a sua particularidade ficariam perdidas, e este corpo passaria a fazer parte tão-somente do mundo dos organismos vivos, mas destituídos de toda sua intencionalidade.

A palavra não chegaria a ser articulada, o gesto não seria feito, o olhar apático, indiferente, em nada transpiraria subjetividade, tudo permaneceria estagnado, num nível de vida puramente animal ou vegetativa.

Pode, às vezes, a expressão corporal assumir até mesmo postura falsa, mas não deixa de ser uma posição, uma perspectiva da consciência que a determinou.

Um caso típico de desestruturação do homem enquanto corpo animado por uma consciência que o faz ser participante é o da esquizofrenia.

Na esquizofrenia o contato vital com a realidade é alterado. A perda da expressão faz o esquizofrênico parecer vazio do seu próprio ser, como se fosse destituído da sua alma, entregue à sua autonomia impessoal. O doente vive para a idéia, é como se o seu corpo estivesse mumificado.⁸

A disjunção do desejo de realização intrínseco do eu interno, mediante a abolição da expressão, faz com que o esquizofrênico quase que se desprenda da materialidade. A pessoa com comportamento sadio não se realiza senão através de múltiplos atos sucessivos pertencentes ao mundo corpóreo e material.⁹

Foi mostrada a perspectiva do esquizofrênico para se aquilatar quão importante é a unidade do ser humano, e a relevância do corpo como meio de expressão, condição indispensável para todo pronunciamento humano.

CITAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS

- (1) Cf. Joseph GEVAERT, *Il Problema Dell'Uomo: Introduzione All'Antropologia Filosofica*. Torino, Elle di Ci, (1973), p. 72.
- (2) Cf. Thomas Ranson GILES, *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, (1975), Vol. I, p. 225.
- (3) Rollo MAY, *Psicologia e Dilema Humano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, (1974), trad. Álvaro Cabral, p. 203.
- (4) Cf. Joseph GEVAERT, *Il Problema Dell'Uomo: Introduzione All'Antropologia Filosofica*. Torino, Elle di Ci, (1973), p. 75.
- (5) *Ibid.*, p. 75.
- (6) Rollo MAY, *A Arte do Aconselhamento Psicológico*. Petrópolis, Editora Vozes, (1977), trad. Wayne Tobelem dos Santos e Hipólito Martendal, p. 87.
- (7) M. MERLEAU-PONTY, *Fenomenologia da Percepção*. Rio de Janeiro, Livraria Freitas Bastos S.A., (1971), Trad. Reginaldo di Piero, p. 199.
- (8) Cf. Claude BRUAIRE, *A Filosofia do Corpo*. Editora Herder, (1972), trad. Hilton Ferreira Japiassu e Pedro Paulo de Serra Madureira, p. 46.
- (9) Cf. M. SCHELER, *Nature et Formes de la Sympathie*, p. 187. In Joseph GEVAERT, *Il Problema Dell'Uomo: Introduzione All'Antropologia Filosofica*. Torino, Elle di Ci, (1973), p. 73.